

Fontes Abertas de Inteligência

Coronel R/1 Richard S. Friedman, Exército dos EUA

Traduzido da revista *Parameters*, Summer 1998

Noventa por cento da inteligência é proveniente de fontes abertas. Os outros dez por cento, de atividades clandestinas, são consideradas as mais dramáticas. O verdadeiro herói da espionagem não é James Bond, mas sim Sherlock Holmes.¹

— *Lieutenant General Sam Wilson, ex-diretor da Agência de Inteligência da Defesa.*

O EX-EMBAIXADOR na Argélia L. Craig Johnstone (atualmente Diretor de Recursos, Planejamento e Política do Departamento de Estado) declarou em uma recente conferência em Washington que durante seu tempo de serviço naquele País, instalou uma antena parabólica para assistir o noticiário internacional, através da rede de notícias CNN. Ele relembra:

Comecei a receber as imagens da CNN na mesma semana da conferência da Liga Árabe na Argélia e, por alguma razão, o Departamento estava interessado em descobrir se o líder palestino Yasser Arafat estaria presente na conferência. Ninguém sabia e, no dia da conferência, as autoridades em Washington estavam preocupadas. O pessoal da nossa embaixada foi impedido de permanecer no local da conferência, de maneira que não podíamos verificar se o líder palestino iria estar presente ou não. Finalmente, por volta do meio-dia, estava em casa almoçando e assistindo a CNN, quando recebi um telefonema do Gabinete do Secretário de Estado. O assessor do Secretário queria saber se havia alguma informação disponível quanto à participação do líder palestino na conferência. Naquele momento, a CNN mostrava as imagens do líder palestino chegando na conferência. Imediatamente relatei: “com certeza ele estará participando da conferência”. O assessor ficou perplexo e foi informar ao Secretário o meu comentário. No dia seguinte recebi um telefonema parabenizando-me pela brilhante apuração da informação. “Como você descobriu?” Perguntaram-me. Mantive o segredo. Porém, percebi que os negócios diplomáticos tinham mudado, como também o papel das embaixadas e a maneira como conduzíamos nossos serviços no estrangeiro.²

A história do embaixador Johnstone é um exemplo clássico do valor da informação proveniente de fontes abertas. Quando diretor da Agência Central de Inteligência, Allen W. Dulles confirmou diante de um comitê do Congresso que “mais de oitenta por cento da inteligência é obtida através de fontes abertas”. Seja qual for a estimativa, noventa, oitenta por cento etc..., os peritos em inteligência concordam que a *informação* bruta, transformada em *inteligência* final, poderá ser obtida de fontes abertas. Este artigo explora a importância de uma tendência que visa um maior reconhecimento do papel da informação proveniente de fontes abertas e discute o que isso possa significar para os clientes de inteligência em todos os níveis.

O uso da informação proveniente de fontes abertas (*open source intelligence* — OSINT) para a produção de inteligência não é um fenômeno recente. Na maioria dos países, os serviços de inteligência têm feito uso das fontes abertas de inteligência, através de programas de bolsas de estudo em academias, de informações colhidas de turistas e homens de negócio, e do exame da imprensa, estações de radiodifusão e da mídia estrangeira em geral. A inteligência obtida de fontes disponíveis para o público em geral é proveniente de livros, periódicos e outras publicações impressas, tais como catálogos, folhetos, panfletos e anúncios. A televisão e o rádio também são incluídos como fontes, sendo que a Internet é a inovação tecnológica mais recente. Em geral, estas são as fontes tidas freqüentemente como fontes abertas da mídia.

A inteligência — informação e análise que não estão disponíveis ao público — é preparada para ser empregada por formuladores de política e líderes militares, dentro do governo. A inteligência é categorizada de acordo com a fonte de que é proveniente. Atualmente, são reconhecidas cinco fontes:

- Relatórios provenientes de fontes humanas (HUMINT);
- Imagens fotográficas, incluindo as provenientes de satélites;
- Inteligência de assinaturas e dimensionamentos: atributos físicos de alvos de inteligência;
- Inteligência de fontes abertas;

- Intercepção de comunicações e outros sinais.

Enquanto a maioria das discussões sobre inteligência de fontes abertas parece concentrar-se na coleta, é importante visualizar as tendências da inteligência em conjunto com desenvolvimentos nos seus componentes tradicionais. Entre estes componentes destacam-se:

- *Custos.* Com a redução no orçamento de segurança nacional, os líderes governamentais são forçados a examinar sua infra-estrutura. À medida que as forças militares se tornam mais dependentes da tecnologia comercial disponível no mercado, as organizações de inteligência parecem tender para uma maior dependência em fontes abertas.

- *Fontes.* Decisões baseadas em custos conduzem ao atendimento de uma quantidade significativa de requisitos de inteligência através de uma monitoração ampla e adequadamente estruturada de fontes abertas, realizada pelas próprias organizações de inteligência ou por organizações privadas contratadas. Uma vantagem especial da inteligência de fontes abertas é que o produto pode ser mantido a um nível baixo de requisitos de classificação para essas fontes e métodos. Tal fator proporciona uma disseminação e distribuição mais ampla, quando comparada com material proveniente de outras fontes. Esta característica da inteligência de fontes abertas é particularmente importante em operações de coalizão.

- *Métodos.* Tem sido demonstrado que uma boa produção de inteligência é baseada em *avaliações de todas as fontes.* As estruturas e os métodos de inteligência tradicionais foram otimizados para determinadas missões centrais ou essenciais e, ainda hoje, várias dessas estruturas são mantidas para atender aos requisitos e cenários da Guerra Fria. As contingências atuais e futuras mostram-se menos prováveis de envolver inteligência diplomática e avaliações militares mais complexas e difíceis, como ocorria na época entre 1945 e 1991. As contingências atuais e futuras provavelmente manterão a tendência para análises mais flexíveis de problemas socioeconômicos, tecnológicos e políticos complexos, e de assuntos relacionados ao crime organizado internacional, guerra de informação, operações de manutenção da paz e atividades associadas com operações especiais e conflitos de baixa intensidade.³

- *Alvos.* Os alvos de inteligência de maior interesse para

os líderes dos EUA têm mudado desde o colapso da União Soviética, com a transformação geopolítica decorrente (tal como a deteriorização política nos Bálcãs) e com as modificações na percepção ocidental a respeito dos interesses globais de segurança (ex: a importância do Oriente Médio). As agências de inteligência devem agora focar suas atividades num espectro mais amplo de alvos reais e em potencial, em comparação ao que ocorria na época da Guerra Fria. Hoje em dia, os profissionais de inteligência têm que se preocupar com terrorismo, crimes internacionais de maior repercussão e proliferação de armas, incluindo programas para produção de armamento de destruição em massa. Eles devem estar preparados,

a qualquer momento, para possíveis intervenções militares em conflitos ou atividades de ajuda humanitária no estrangeiro. Alguns desses alvos exigem constante monitoração em profundidade; para outros, uma vigilância mais ampla e geral será suficiente — desde que seja mantida em reserva uma capacidade de ação imediata, em caso de necessidade.⁴

Embora muitos aspectos dos trabalhos de inteligência estejam mudando, a curto prazo, a preponderância deles provavelmente continuará conhecida. O principal problema dos dias atuais é como lidar com os novos e indistintos limites entre as funções e organizações de inteligência e a crescente ambigüidade dos papéis e missões. Qualquer oficial de inteligência que já tenha trabalhado em nível avançado, sabe que as autoridades governamentais e os

formuladores de política repugnam a ambigüidade, preferindo inteligência oportuna e acurada. Conforme o futurista, membro fundador da Rede Global de Negócios, e autor do livro *“The Art of the Long View”*, Peter Schwartz disse para a audiência no Colóquio sobre o Século XXI, “não só iremos ver mudanças nas regras do jogo, como também novos jogos. Existe um mercado emergente e competitivo de informação, no qual a inteligência não estatal será barata, eficiente e fora de controle”.⁵

Entusiásticos proponentes de fontes abertas de inteligência argumentam que a revolução da informação está transformando o volume dos requisitos de inteligência da nação e reduzindo a dependência em métodos e meios humanos e técnicos tradicionais. Entretanto, o renomado historiador da Universidade de Yale, Robin W. Winks, que trabalhou no

As contingências atuais e futuras provavelmente manterão a tendência para análises mais flexíveis de problemas socioeconômicos, tecnológicos e políticos complexos, e de assuntos relacionados ao crime organizado internacional, guerra de informação, operações de manutenção da paz e atividades associadas com operações especiais e conflitos de baixa intensidade . . . O principal problema dos dias atuais é como lidar com os novos e indistintos limites entre as funções e organizações de inteligência e a crescente ambigüidade dos papéis e missões. Qualquer oficial de inteligência que já tenha trabalhado em nível avançado, sabe que as autoridades governamentais e os legisladores repugnam a ambigüidade, preferindo inteligência oportuna e acurada.

Escritório de Serviços Estratégicos durante a II GM e no órgão que substituiu aquele escritório, a Agência Central de Inteligência (*Central Intelligence Agency — CIA*), concluiu que “pesquisa e análise são a essência da inteligência. ... [A maioria dos] fatos são sem sentido; alguém deve analisá-los, até mesmo os dados mais facilmente obtidos”.⁶

O emergente debate entre investir em tecnologia ou desenvolver analistas competentes refere-se basicamente ao valor e ao papel das fontes abertas de inteligência. Para melhor compreender algumas das forças formuladoras do debate, devemos pesar os benefícios relativos das fontes primárias e secundárias, duas classes subsidiárias distintas de material de fontes abertas. As fontes primárias, geralmente conhecidas por incluir a mídia eletrônica e escrita, têm sempre proporcionado informação de valor para a comunidade de inteligência, com alertas e indicações de inteligência atual, bem como informação de apoio empregada por analistas no seu trabalho. O que a chamada revolução da informação tem feito é aumentar a capacidade dos usuários de ganhar acesso e manipular a informação; e embora a grande maioria dos administradores de inteligência não acredite que o número de fontes *primárias* tenha se expandido substancialmente, o número de fontes *secundárias* tem aumentado exponencialmente. Para complicar ainda mais a situação do analista, a credibilidade e objetividade de muitas fontes secundárias são quase sempre questionáveis. Será necessária uma maior experiência antes que se aceite a expansão das fontes secundárias como um benefício para a administração da segurança nacional.

A maior coleção de fonte aberta geral no mundo é a Biblioteca do Congresso dos EUA. Para substituir a biblioteca original, destruída durante a Guerra de 1812, o Congresso adquiriu, em 1815, a biblioteca particular do ex-presidente Thomas Jefferson, aumentando grandemente o tamanho e o alcance da coleção. A biblioteca do Congresso possui agora obras em mais de 450 línguas e inclui mais de 28 milhões de livros, periódicos e panfletos, bem como manuscritos, mapas, jornais, coletâneas de músicas, microfilmes, longa-metragens, fotografias, gravações, impressões e gravuras. O serviço da biblioteca inclui também locais de pesquisa e referências, promovendo a coordenação e ampliando os recursos das bibliotecas regionais e locais.

Existem também milhares de bancos de dados básicos disponíveis de organizações comerciais, como por exemplo: *LEXIS/NEXIS*, *Dialog*, *Reuters* e *The New York Times*.⁷ Atualmente, qualquer discussão sobre fontes abertas contemporâneas deve incluir a Internet e a *World Wide Web* (*WWW*). A *WWW*, (desenvolvida em 1989) é uma coleção de arquivos, chamados *Web sites* ou *Web pages*, identificados por localizadores de recursos uniformes (*URLs*). Programas de computadores chamados *browsers* localizam esses arquivos.

O termo “Internet” descreve a interconexão de redes de computadores, especialmente a interconexão de redes de computadores de governos, de educação e de negócios, disponível ao público. No início de 1996, a Internet conectava mais de 25

milhões de computadores em mais de 180 países.⁸ A Internet proporciona uma quantidade e variedade imensa de informações de fontes abertas e deve ser, cada vez mais, vista como uma fonte para fins de inteligência.⁹

A Internet e a *World Wide Web* são exemplos de tecnologias que ainda não estão amadurecidas. Um sinal básico de uma tecnologia imatura é uma anarquia intrínseca e uma tendência para desinformação. Em outubro de 1938, quando o rádio estava surgindo como uma fonte confiável de informação, o diretor-produtor Orson Welles, em seu programa semanal *Mercury Theater*, apresentou uma dramatização da história de H.G. Wells de 1898, *War of the Worlds*. A transmissão, relacionada ao conto da suposta invasão da terra por extraterrestres, gerou um pânico no qual milhares de pessoas foram às ruas, convencidas de que os marcianos haviam realmente invadido a terra. Mais tarde, Orson Welles admitiu que ele nunca esperava que os ouvintes tomassem a história tão realisticamente e que aprendeu a lição quanto ao alcance e eficácia do novo meio de comunicação no qual o conteúdo lutava para chegar ao mesmo nível da tecnologia.

Exemplos recentes da Internet e seus resultados sugerem que o abuso de mensagens eletrônicas, os boatos imprudentes relatados como fatos e a repetida anarquia de informações do ciberespaço, têm-se tornado progressivamente caóticos. Isto não significa que a Internet e a Web não possam ser consideradas seriamente para um trabalho de inteligência. Significa apenas que os oficiais de inteligência devem exercitar uma abordagem vigilante e disciplinada de qualquer dado ou informação obtida dessas fontes.

Em dezembro de 1977, autoridades de categorias elevadas da Alemanha, Canadá, França, Itália, Japão, Inglaterra, Rússia e dos EUA (o grupo das oito nações industrializadas) reuniram-se em Washington para explorar a natureza transnacional do crime computadorizado, com atenção especial para as oportunidades de os criminosos explorarem o vácuo legal da Internet. Entre os fatos apresentados às autoridades destacam-se:

- Quase 82 milhões de computadores pelo mundo agora estão conectados, de acordo com o Relatório de Pesquisa de Mercado *Dataquest*.
- Por volta de 2001 espera-se que a quantidade de computadores interligados seja de 268 milhões.
- O FBI estimou que, em 1997, o prejuízo causado por crime através de computadores nos EUA alcançou a marca de 10 bilhões de dólares por ano.
- As agências governamentais constituem-se em terreno fértil para os *hackers*; em 1995, o Pentágono foi atacado 250 mil vezes por eles, com uma taxa de 64% de sucesso. O Departamento de Justiça e a Agência Central de Inteligência também têm sido vítimas de ataques semelhantes. E a tensão sobre a fiscalização nos arsenais iraquianos no final de 97 e início de 98 produziu um surto de tentativas de penetração nos bancos de dados do Departamento de Defesa.
- O Instituto de Segurança de Computação, estabelecido em São Francisco, pesquisou 536 companhias ou agências go-

veramentais e 75% das quais relataram perdas financeiras substanciais provenientes de atividades criminosas através de computadores.

A importância principal desses fatos para o oficial de inteligência é que as fontes da Internet estão sujeitas à manipulação e fraude. Conseqüentemente, o processo de contra-inteligência e segurança terão que incluir o ciberespaço durante suas análises, daqui por diante.

Talvez o maior valor para as organizações militares, nesta variedade de adaptações após a Guerra Fria e nesta proliferação de tecnologia, esteja na liberação do acesso às consultas básicas não-sigilosas, antes confinadas a uma área geográfica determinada. As comunicações modernas irão liberar os militares de forças desdobradas da necessidade de transportar grande quantidade de material de consulta (sigiloso e não sigiloso) durante operações. Forças militares no campo podem agora ser ligadas a uma quantidade imensa de recursos de informações, quase em tempo real. Quatro são os tipos considerados importantes:

- Inteligência básica, tal como infra-estrutura, geografia e ordem de batalha.
- Inteligência cultural referente à sociedade na qual a força poderá operar.
- Informações de natureza

contextual relacionadas com o tráfego de mensagens de inteligência e operacionais.

- Relatórios de atualização de inteligência com relação à situação na área operacional.

Uma vez que as quantidades de informações disponíveis são grandes e boa parte das mesmas são freqüentemente irrelevantes, os estados-maiores das unidades desdobradas poderão ter dificuldade em usá-las de maneira produtiva. As organizações desdobradas talvez terão que estabelecer atividades de inteligência avançada e de retaguarda. A ameaça da guerra de informação terá que ser levada em consideração no planejamento e execução de operações separadas em escalões divididos.

A liberação de informação não sigilosa tanto para o público em geral quanto para as autoridades é a intenção de governos democráticos em suas declarações contidas em relatórios imediatos e abertos. Mesmo que os tablóides não tenham defendi-

do uma liberdade que pudesse deliberadamente comprometer a segurança nacional ou pudesse expor a vida de militares ao perigo, ainda assim poderá haver conseqüências imprevisíveis decorrentes de tamanha abertura. O governo britânico descobriu tal fato durante a Guerra das Malvinas, em 1982, quando, um repórter da BBC inadvertidamente revelou planos

operacionais, o que tornou dispendioso o assalto a ser realizado pelo Regimento Paráquedista *Goose Green* o inimigo estava escutando. Durante a Operação *Desert Storm*, o governo dos EUA e seus parceiros de coalizão enfrentariam outros problemas. À medida que a rede CNN transmitia ao vivo do teatro de operações, o controle de comunicação de massa por parte das autoridades vigorava em Israel, Jordânia e Arábia Saudita, como também no Iraque. As áreas que sofriam ataques de mísseis *Scud* em Israel foram rapidamente isoladas pelas autoridades; os repórteres só receberam o sinal verde para a cobertura após o pronunciamento feito pelo governo de Israel sobre os ataques. A rede de notícias estatal iraquiana não apenas informava repetidamente aos seus cidadãos que eles estavam vencendo a batalha, como também manipulava as informações sobre o emprego de mísseis do tipo *Patriot* contra os do tipo *Scud*, assegurando que

O emergente debate entre investir em tecnologia ou desenvolver analistas competentes refere-se basicamente ao valor e ao papel das fontes abertas de inteligência. Para melhor compreender algumas das forças formuladoras do debate, devemos pesar os benefícios relativos das fontes primárias e secundárias, duas classes subsidiárias distintas de material de fontes abertas. As fontes primárias, geralmente conhecidas por incluir a mídia eletrônica e escrita, têm sempre proporcionado informação de valor para a comunidade de inteligência, com alertas e indicações de inteligência atual, bem como informação de apoio empregada por analistas no seu trabalho. . . muitas fontes secundárias são quase sempre questionáveis. Será necessária uma maior experiência antes que se aceite a expansão das fontes secundárias como um benefício para a administração da segurança nacional.

a rede CNN e outras emissoras de notícias mostrassem somente o que interessava ao governo iraquiano. As medidas anti-*Scud* da coalizão foram postas em prática sob o controle direto de Washington.

Os clientes de inteligência, autoridades governamentais e formuladores de política não têm se queixado de falta de informações; ao contrário, estão sofrendo pelo seu excesso. Atualmente, a avalanche de dados disponíveis, produzidos em massa, e a conseqüente sobrecarga significa que a coleta de dados não é mais o maior problema. O grande desafio encarado pelas organizações de inteligência é a análise, consolidação e disseminação oportuna de dados, buscando alcançar os resultados para aqueles que necessitam deles. A eficácia neste processo dependerá da alocação de recursos humanos entre os responsáveis pela análise e os responsáveis pela transmissão. Um executivo de administração de informação irá considerar qualquer aumento no volume de informações como um

comprovante que ela está sendo melhor administrada, e até mesmo sendo mais eficaz. Porém, o administrador de informação não trabalha com análises, assim sendo ele não está interessado em saber se a informação é bem ou mal interpretada, ou até mesmo se ela contém desinformação ou imprecisão. Não se pode equiparar o aumento no volume de informação com o melhoramento do conhecimento da situação dentro do teatro de operações.

Todavia, os argumentos quantitativos dos administradores de informação tornaram-se recentemente mais efetivos do que aqueles da comunidade de inteligência com respeito à política de fontes abertas. Na última vez em que uma disputa similar ocorreu, os proponentes de inteligência técnica argumentaram que possuíam a chave para a sabedoria moderna. Como o então Vice-Diretor de Inteligência da Agência Central de Inteligência e, mais tarde, Diretor do Escritório de Inteligência e Pesquisa do Departamento de Estado, Ray Cline, observou:

O milagre técnico tem reduzido substancialmente a carga sobre o agente secreto. Não é mais necessário arriscar vidas para a coleta de dados que podem simplesmente serem obtidos através de lentes de câmeras.... Agora o agente se concentra na coleta de idéias, planos e intenções, todos localizados na mente dos homens e que podem ser descobertos somente através de suas declarações ou seus manuscritos. Ninguém ainda conseguiu tirar uma foto do que

*se passa na cabeça das pessoas. Agora a espionagem é a busca dirigida para encontrar os elos ausentes de informações que não são reveladas por outras fontes. Ela ainda é um elemento essencial em uma atividade cada vez mais complicada.*¹⁰

Reivindicações de entusiastas de fontes abertas precisam ser examinadas dentro do contexto. Aqueles que fazem reivindicações extravagantes, às vezes, possuem pouco interesse no papel e no valor de matérias provenientes de fontes abertas, ou mesmo o conhecimento ou a experiência para fazer julgamentos confiáveis sobre o amplo tema de análises de todas as fontes de múltiplas disciplinas feitas por analistas de inteligência bem-preparados.

A revolução das comunicações está oferecendo às organizações de inteligência um novo desafio, muito além da produção em massa. Como outras corporações, a inteligência enfrenta agora desafios de direções que se acreditava serem impossíveis até alguns anos atrás. Como tem sido verdade para o comércio e a indústria, a inteligência terá que remodelar sua organização, formar novas associações, talhar seus produtos às necessidades dos clientes e questionar suas missões fundamentais. Enquanto houver nações governadas por dirigentes totalitários agressivos, inclinados para o terrorismo, ou enquanto houver fanáticos equipados com armas mortíferas, as democracias continuarão necessitando de serviços secretos eficazes. **MR**

REFERÊNCIAS

1. Relatório por David Reed, "Aspiring to Spying", *The Washington Times*, 14 de novembro de 1997, Regional News, p.1.
2. Comentários na sessão de abertura da Série de Conferências sobre Relações Internacionais no Século XXI, Departamento de Estado dos EUA, Washington, D.C., 18 de novembro de 1997.
3. Operações Militares dos EUA na Somália, Haiti e Bósnia são exemplos de requisitos de naturezas diversas.
4. É importante sempre lembrar um princípio antigo de inteligência: "Não se pode sobrecarregar a *Humint!*"
5. Discurso, Washington, D.C., 21 de outubro de 1997.
6. Robin W. Winks, Cloak & Gown: *Scholars in the Secret War, 1939-1961* (2ª ed.; New Haven, Conn.: Yale Univ. Press, 1996), p. 62.
7. Uma fonte estima haver mais de 8.000 o total atual em tal base de dados.
8. A Internet foi inicialmente desenvolvida em 1973 e conectou redes de computadores em universidades e laboratórios dos EUA. Isto foi feito pela Agência de Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa dos EUA (*US Defense Department's Advanced Research Projects Agency — DARPA*). O projeto foi ela-

borado para permitir que vários pesquisadores se comunicassem diretamente, em conexão com seus trabalhos. Foi também desenvolvido com a idéia de que ele poderia proporcionar um sistema de comunicações nuclear com capacidade de sobrevivência.

9. As estimativas atuais prevêem que cerca de 30 milhões de indivíduos e mais de 40 mil redes estão conectadas, números esses que parecem estar aumentando rapidamente. A quantidade de dados na Internet é astronômica. Estima-se que o conteúdo total está entre dois a três *terabytes* (1 terabyte é o equivalente a 1 milhão de megabytes). Uma biblioteca pública típica, com mais ou menos 300 mil exemplares, possui cerca de três terabytes de dados. Rajiv Chandrasekaran, "In Califórnia, Creating a Web of the Past," *The Washington Post*, 22 de setembro de 1996, p. H1. Um artigo por James Kievit e Steven Metz, "The Internet Strategist: An Assessment of On-line Resources," *Parameters*, 26 (Summer 1996), pp. 130-45, disponível na Internet, é uma excelente introdução e guia.

10. Ray Cline, "Introduction," em *The Intelligence War* (Londres: Salamander Press, 1984), p. 8. Ênfase acrescentada.

O Coronel (R/1) Richard S. Friedman, do Exército dos EUA, serviu como sargento de inteligência, nos teatros da Europa, África e do Oriente Médio, durante a II GM, junto ao Escritório de Serviços Estratégicos. Após a guerra, ele foi comissionado como oficial pelo CPOR na Universidade da Virgínia, onde formou-se em Direito. Subseqüentemente, desempenhou várias funções nas Áreas de Inteligência e Forças Especiais, incluindo uma comissão como oficial sênior de inteligência dos EUA, junto ao Quartel-General da OTAN em Bruxelas. Desde que passou para reserva, ele tem trabalhado para a Agência Central de Inteligência como analista sênior, oficial assistente da inteligência nacional e oficial de operações de estado-maior. O Coronel Friedman foi o autor principal do artigo Advanced Technology Warfare (1986) e contribuiu com alguns capítulos para o artigo The Intelligence War (1984) e U.S. War Machine (1987).